

Enunciação, comunicação e polissemia: a intencionalidade e a convivência em sociedade¹

Jéssica RIGON²

Rejane Beatriz FIEPKE³

Tamires Regina ZORTÉA⁴

Elias José MENGARDA (in memoriam)⁵

Universidade Federal de Santa Maria-UFSM-FW

RESUMO

Um das principais maneiras pela qual se torna possível a convivência em sociedade é a comunicação. O ato de comunicar permite que as pessoas transmitam mensagens tanto por meio da linguagem oral, quanto pela linguagem escrita ou de sinais. É importante que cada pessoa saiba se comunicar, enunciar de maneira correta, para que possa haver um processo de comunicação completo entre emissor e receptor. Para isso, existem diversas técnicas e maneiras para facilitar o entendimento e garantir que o processo de comunicação ocorra da melhor maneira possível.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade; Enunciação; Polifonia; Intencionalidade; Informação.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo aprofundar o estudo na Teoria da enunciação, os fatores que ocasionam o ato enunciativo e como o simples ato de falar algo ou alguma ideia a alguém tem certa intencionalidade, sendo ela explícita ou implícita. É essa intencionalidade que move os seres humanos em sua comunicação diária e faz com que eles

¹ Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Acadêmica do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS, Brasil, 98400000, jessi_rigon@gmail.com.

³ Acadêmica do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS, Brasil, 98400000, rejanebiepke@hotmail.com.

⁴ Acadêmica do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS, Brasil, 98400000, tamiresreginazortea@gmail.com.

⁵ Professor do curso de Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS, Brasil, 98400000 (in memoriam).

compartilhem suas ideologias, pois se um indivíduo apenas guardar em mente suas ideias isso acaba não sendo considerado enunciação.

Além da enunciação, que é responsável por facilitar a interação entre os indivíduos, a cooperação entre os falantes também deve ser destacada e estudada mais a fundo. Não haverá interação se uma pessoa se negar a cooperar com a outra, deixar de responder o que lhe foi perguntado ou responder de forma incoerente para com o questionamento, a interação entre elas será profundamente comprometida, pois não haverá meios de elas criarem um entendimento mútuo.

A comunicação faz parte do cotidiano dos seres humanos e é parte essencial que integra a sociedade, pois sem o ato de se comunicar, em especial através da fala, não há convivência que possa durar. Quando uma pessoa enuncia algo ela sempre usará de argumentos se quiser convencer ou ao menos fazer com que seu interlocutor compreenda a base de suas ideias. Desta forma, este artigo científico também abordará o estudo da argumentação na comunicação humana, argumentação essa que faz com que muitos seres humanos se destaquem na sociedade, justamente por saberem utilizar-se de métodos argumentativos da linguagem.

Existem variadas formas de uma pessoa usar argumentos para seu benefício. Por vezes, a própria polifonia se faz presente em textos ou enunciados para que o argumento tenha mais valor e aceitação perante os leitores ou ouvintes. A polifonia pode ser expressa através de ditados populares, frases, vozes e até mesmo o uso do ‘mas’ dentro de um segundo texto formulado por um determinado autor. É necessário entender como se pode utilizar a polifonia para o reforço da enunciação, pois ela pode ter poder de convencimento e tornar o texto mais compreensível e aprazível.

É importante que os seres humanos percebam que em toda informação que adquirem há uma informação pressuposta, ou seja, que está por trás do que é enunciado ou escrito. A informação pressuposta pode se dar através de textos, imagens, frases ditas e todos os demais meios de comunicação, ela está presente diariamente na vida e convivência entre as pessoas e pode passar despercebida caso o ouvinte/leitor não esteja dispendo da devida atenção.

Por esses motivos é de extrema importância o estudo aprimorado e aprofundado de todos os fatores que regem uma correta comunicação. Há fatos que podem atrapalhar o diálogo entre os indivíduos, por isso eles devem ser revistos para que seja aprimorada uma melhor forma de atuação do locutor e seu interlocutor. Essa melhoria na forma de

comunicação pode ser estudada a partir dos itens que o presente artigo expõe e explica, e são esses itens, explicados e exemplificados em obras de vários autores na área de Linguística, que fazem os indivíduos refletirem sobre a melhor forma de se compreenderem e demonstrarem coerência nos momentos diários de interação.

2 ENUNCIÇÃO E INTENCIONALIDADE

Aprendemos desde o nascimento a conviver em sociedade, como seres que se comunicam e interagem através da linguagem. Caso não haja comunicação com outros seres humanos, acabamos por viver em isolamento social, mas é imprescindível ter o conhecimento de que para que haja comunicação e, portanto, interação social, é indispensável que haja a ação de enunciação. Mas o que é enunciação?

Enunciação é o ato de o locutor falar ou dizer algo a um interlocutor. Essa ação de uma pessoa falar à outra, por exemplo, expor sua opinião sobre alguma coisa, é o que gera a comunicação. E a partir do momento em que uma pessoa fala, expressando suas ideias, ela está fazendo uso da enunciação. Se essas ideias não forem expostas, mas sim apenas guardadas na mente do indivíduo, não ocorre o ato enunciativo.

Ainda, segundo Patrícia Alves do Rego Silva

Toda enunciação é um acontecimento único. Tem um enunciador, um destinatário, um tempo e um lugar só seus. Essas condições não se repetirão juntas jamais - se a mesma enunciação for feita no mesmo lugar, pelo mesmo enunciador e para o mesmo destinatário, um segundo depois, o tempo já não será mais o mesmo, por exemplo. (SILVA, 2007)

Ou seja, ela é um momento único, passageiro, pois não se volta no tempo, e o que foi falado passou.

Há também várias formas de se produzir enunciação com a mesma frase, mas abordando sentidos diferentes. Ingedore Koch fala

Tomemos um exemplo. O enunciado “O dia está bonito”, em diversas situações de enunciação, pode ter sentidos bastante diferentes: pode tratar-se de uma asserção (uma simples constatação), de uma pergunta (O dia está bonito?), de uma demonstração de surpresa (O dia está bonito); pode tratar-se de uma sugestão ou de um convite para um passeio ou mesmo de um aviso ou de uma ameaça (por ex., um amigo me deve dinheiro; avisei-o de que estava gripado, mas, no primeiro dia bonito, iria cobrar-lhe a dívida. Telefono-lhe e digo: “ O dia está bonito”). (KOCH, 2006, p.12)

Desta forma, dependendo do modo como enunciamos uma frase ela pode tomar sentidos diferentes, assim temos que cuidar no momento da enunciação para que não haja enganos, e para que o que queremos dizer seja enunciado da forma correta. Isso mostra, também, que a enunciação tem muita variedade, o que gera uma riqueza linguística e facilita a comunicação em sociedade.

A partir da enunciação, portanto, ocorre a comunicação entre os seres humanos, e essa comunicação não ocorre por nada e não se dá por puro acaso. Toda enunciação tem uma determinada intenção, mesmo que esta não seja explícita no enunciado. Quando o locutor pede um favor a seu interlocutor ele está explicitando sua intenção ao falar algo, ou seja, ao enunciar. Mas quando usa sua fala com autoridade e força, está enunciando com certa intenção implícita no que está a dizer.

Desta forma, fica claro que tudo o que é enunciado tem a intenção de atingir alguém. O locutor enuncia para compartilhar suas ideias, demonstrar para a sociedade sua opinião, convencer ao seu próximo ou para fazer com que sejam geradas ações. Ou seja, as palavras não são “jogadas ao vento”, pois sempre há a intenção de que alguém tome as palavras para si e produza uma ação.

Como foi expresso, a enunciação pode ter uma intenção implícita ou explícita, mas também todo enunciado possui uma parte que é dita e uma que não é dita. Ou seja, mesmo que uma pessoa, ao fazer um enunciado, fale uma simples frase, além do que é dito nessa frase pode-se fazer uma inferência do que a pessoa deseja expressar com essa elocução

A enunciação pode se utilizar não somente de palavras em seu sentido denotativo, ou literário. Pode também fazer uso do sentido não literário das palavras, quando o que é dito é enunciado de forma conotativa. Assim, a enunciação além de poder se utilizar de uma frase de diferentes maneiras, pode também fazer uso de muitas palavras com um sentido diferente. Além disso, enunciação tem muita relação com o fenômeno da Deixis, que significa indicação, pois sempre que se quer indicar algo, um objeto, um ser, ou o local onde ele se encontra, se usa a Deixis. Assim, enunciar também é situar no espaço.

Como a enunciação pode provocar ações do interlocutor por meio da fala, pois toda enunciação tem certa intencionalidade por mais que seja ínfima, é importante que se conheçam os três atos que estão envolvidos diretamente com a enunciação e os atos que ela provoca a partir das intenções. Um dos atos é o locucionário, que é o ato de quem diz alguma coisa, ou seja, enuncia. O segundo ato é o ilocucionário, que é a autoridade, ameaça

ou a força que se emprega numa enunciação. E, por fim, o terceiro ato é o perlocucionário, que aborda os efeitos sobre o interlocutor, as ações que a enunciação provocou nele.

A partir desses três atos estudados fica mais clara e se torna mais comprovada a ideia de que toda enunciação tem uma determinada intenção. Intenção de gerar algo, fazer alguém crer em alguma coisa, ou fazer qualquer coisa. Pois quem enuncia não vai falar por nada e sem conseguir uma reação em troca.

Portanto, toda comunicação é formada pelo ato de enunciar, dizer, externar a opinião. Enunciação é imprescindível para a convivência em sociedade, pois se ninguém praticasse esse ato não haveria interação e nem relações sociais. Assim, sem enunciação não há comunicação, e sem intencionalidade não se forma a enunciação.

3 LINGUAGEM E COOPERAÇÃO

A linguagem é um método de comunicação humana responsável pela interação, entendimento, e convivência em sociedade. Sem ela a comunicação se torna dificultosa e a interação entre os seres humanos praticamente impossível. Mas de nada adiantaria existir a linguagem se não houvesse a compreensão e a clareza entre o locutor e o interlocutor no momento do intercâmbio por meio da enunciação. Para que isso ocorra, é imprescindível que haja colaboração de ambas as partes, e essa cooperação, que é motivo de análise de diversos estudiosos na área da linguística, em especial Grice, é o que torna a linguagem humana coesa, relevante e indispensável.

A linguagem une seres humanos e os socializa através da interação entre eles. Para que haja, porém, a comunicação adequada entre os indivíduos, é necessário que, quem se comunica, o faça de forma clara e concisa para fazer com que o interlocutor entenda, e esse, por sua vez, deve também dispor de uma resposta, ou nova enunciação coerente para com o que foi falado pelo locutor.

A cooperação nada mais é do que a comprovação de que está havendo uma verdadeira e clara interação entre as partes que se comunicam. Ou seja, no momento em que o interlocutor responde corretamente a um questionamento feito pelo locutor ele está cooperando com o mesmo, pois falou o que o outro queria ouvir. Segundo Koch

Quando duas ou mais pessoas se propõe interagir verbalmente, elas normalmente irão cooperar para que a interlocução transcorra de maneira adequada. Usando uma metáfora: quem se propõe a jogar um jogo, aceita jogar de acordo com suas regras e fazer o possível para que ele chegue a bom termo. (KOCH, 2006, p.27)

Desta forma, fica claro o objetivo principal da chamada cooperação: proporcionar a forma correta de comunicação, sem que haja estranhamento com o que é falado pelas pessoas que se comunicam.

Caso o locutor não formule bem a pergunta ou o que irá enunciar, se esse ato de enunciação for obscuro, sem relevância ou sem qualidade, ele não fará com que o interlocutor entenda e, assim, a pessoa que está ouvindo não gerará uma cooperação para com o enunciador. Num processo de interação pela linguagem a resposta de que o interlocutor dispõe, a nova enunciação por parte dele, deve ser clara, de qualidade, respeitando a máxima quantitativa e de relevância, ou seja, ele deve responder ou enunciar de forma que responda a pergunta ou qualquer outro tipo de enunciação feita pelo outro.

Para entender a relação entre linguagem e cooperação é necessário que se estude os Postulados Conversacionais de Grice. Segundo Parra

Para dar conta de sua teoria, Grice estabelece um conjunto de regras que devem reger o ato conversacional. São as máximas conversacionais, reunidas sob o Princípio da Cooperação, em que os integrantes se engajam na conversa e contribuem de acordo com as exigências da troca conversacional. (PARRA, 2013).

Nesses postulados estão explícitas quatro “máximas”, ou mandamentos da comunicação, que procuram explicar o que é necessário para que toda enunciação ocorra de forma que tenha a cooperação dos indivíduos que se comunicam.

A primeira máxima é a da quantidade, que deixa claro que para que haja boa interação é necessário que o interlocutor responda exatamente o que lhe foi perguntado. A segunda máxima diz respeito à qualidade, em que não se devem dizer falsidades, o que se sabe não ser verdadeiro. A terceira máxima é a de relação, em que a pessoa deve falar apenas o que tem maior importância e é necessário. E a quarta e última máxima é a de modo, em que para a comunicação ocorrer normalmente deve-se haver concisão e clareza.

Essas máximas desenvolvidas por Grice demonstram as regras básicas que devem ser seguidas para que a cooperação entre duas ou mais pessoas que interagem não se transforme em desentendimento e estranheza. Segundo Fiorin (2014), “as máximas conversacionais não são regras para pautar a comunicação, mas princípios de interpretação,

ou seja, são condições gerais de uso da linguagem, que permitem fazer inferências pragmáticas”. Caso uma dessas máximas seja transgredida a comunicação não flui espontaneamente. Também, se em uma interação linguística o locutor pede algo e o interlocutor o responde utilizando uma ironia, uma metáfora ou uma palavra ambígua, também será causado embaraço na comunicação, podendo haver, também, desentendimento.

Desta forma, fica clara a relação intrínseca entre linguagem, cooperação e, por fim, comunicação. Sem cooperação por parte do interlocutor, o locutor nada pode fazer para que a interação seja fluente, e se esta não ocorrer de forma adequada a comunicação é prejudicada. É necessário, portanto, que as máximas de Grice sejam respeitadas para que a sociedade permaneça em pleno entendimento e para que os seres humanos possam manter o diálogo.

4 POLIFONIA

Todas as dissertações e textos feitos, bem como a enunciação, podem apresentar vozes de outros autores além de quem faz o texto ou fala, para que seja gerada uma boa argumentação ao ser apresentada uma ideia ou um objetivo. O uso dessas outras vozes faz com que o argumento apresentado se torne mais sólido e pode fazer com que sejam apresentadas ideias de outras pessoas sem que o enunciador ou o escritor em questão sejam prejudicados. A essa técnica se denomina polifonia.

A argumentação expõe, explica, reforça uma ideia e tenta convencer o interlocutor. A polifonia, uso de duas ou mais vozes no texto oral ou escrito, é utilizada pelo autor quando quer reforçar seus argumentos, pois quando se trabalha com a voz de outros autores tudo o que é dito é mais verídico principalmente porque essa outra voz pode confirmar o que o autor expôs. Além da voz de autores renomados pode ser usada a voz popular, a partir do uso de provérbios e percentuais que comprovem ou deem mais força a uma ideia ou tema.

Segundo Fiorin (2006 apud Pires e Tamanini-Adames, 2010, p. 68) “há a incorporação pelo enunciador da(s) voz(es) do outro no enunciado”. Assim, quando o autor precisa falar sobre um assunto sério, mas quer se eximir de qualquer responsabilidade, ele

usa a polifonia. Desta forma, ele pode explicar o assunto, desenvolvê-lo, mas as ideias mais críticas serão de terceiros, de outros autores que são incorporados ao texto.

Quando há polifonia o texto é tido como heterogêneo, pois haverá ao menos duas vozes presentes nele. A polifonia pode ser desenvolvida de duas formas: a mostrada, que é explícita por meio de citações de ideias de outros autores; e a constitutiva, que não está em forma de citações, mas sim está incorporada ao texto, ou seja, o autor guia a sua ideia pelas ideias de outros. O emprego do futuro do pretérito também tem relação com a polifonia, pois os verbos que o representam (seria, falaria, ganharia, etc.) indicam que as ideias que estão sendo ditas ou escritas pertencem a outrem.

O emprego da conjunção ‘mas’ também é indicador de que estão sendo apresentadas vozes no texto, porém essas vozes são contrárias. Por exemplo, quando se fala ‘Marcio é um bom motorista, mas se acidentou de carro ontem’ significa que há uma primeira voz favorável e positiva a Marcio, uma voz de aprovação, e uma segunda voz negativa, uma voz de reprovação.

A polifonia é normal na maioria dos textos, pois é importante o uso de outras vozes em um texto escrito e falado, tanto para auxiliar e convencer, bem como para não prejudicar a imagem do autor em assuntos críticos.

5 ANÁLISES DE TEXTOS ORAIS E ESCRITOS

A partir do que foi explicado e explicitado até o momento poderá ser feita, agora, uma representação das informações obtidas por meio da exemplificação, que se dará por meio da análise de textos orais e escritos, quadrinhos, tirinhas e pequenas frases. Esses exemplos que surgem pela análise do conteúdo estudado são muito úteis para que fique clara a explicação do que foi estudado até agora, por meio das análises desses exemplos poderá ser percebido como os conteúdos expostos no presente artigo fazem parte do cotidiano da sociedade.

5.1 Informação pressuposta

Informação pressuposta é a comunicação não explícita em uma frase ou enunciado, mas que o interlocutor ou a pessoa que vai ler a frase conclui ou pressupõe a partir do que foi dito. Muitas frases ou enunciados apresentam uma informação da qual se podem fazer demais conclusões. Esse tipo de informação tem muita relação com o fato do dito ou não dito em um enunciado, pois por mais que alguém formule uma frase ou enunciado simples é sempre possível que se conclua algo mais a partir do que foi apresentado.

Quando recebemos a informação de uma pessoa nem sempre ela explicita tudo ou todos os detalhes que necessitamos saber, desta forma, o que não foi esclarecido com todas as palavras por aquela pessoa deve ser inferido pelo interlocutor, que deve recuperar as informações não ditas pelo locutor. Alguns exemplos podem explicar melhor o fato de cotidianamente os interlocutores de uma enunciação terem de extrair mais detalhes necessários a partir do que não foi dito por uma pessoa.

Um exemplo pode ser visto na seguinte tirinha da Mafalda:



Figura 1: Mafalda e o Governo.

Essa tirinha, como pode ser observado, possui a informação explícita de que as crianças estão brincando de governo e que a mãe de uma delas pediu para que não fizessem bagunça, no que as crianças falam para que ela que não se preocupe que elas não vão fazer absolutamente nada. Mas ao mesmo tempo tem a informação não dita de que o governo e seus governantes não fazem nada pela população e que não trabalham para a sociedade; ou seja, há a informação pressuposta de que os governantes apenas têm esse título e esse trabalho para ganhar dinheiro fácil, pois não fazem nada nem trabalham para os eleitores que acreditaram e votaram neles.

Outro exemplo gráfico de pressuposição está na seguinte figura:



Figura 2: Açúcar e saúde.

Essa figura, mesmo que não tenha um grande texto escrito tem a informação dita que é a bolsa de açúcar e a frase “mude sua embalagem”, mas ao mesmo tempo deixa bem clara aos olhos do leitor a informação não dita de que o consumo de açúcar em excesso causa obesidade e esse consumo é um dos grandes males da população que está cada vez mais acima do peso ideal.



Figura 3: Branca de Neve e a mídia.

Neste quadrinho fica clara a existência de uma informação pressuposta junto com o humor, combinação essa que faz com que os leitores entendam o objetivo da tirinha. Aqui a informação pressuposta é o fato de a Branca de Neve ter sido envenenada devido a ter acreditado na propaganda feita pelo vendedor, ou seja, o não dito, nesse quadrinho, é que a força de persuasão de alguém que lida com propaganda e vendas é grande a ponto de enganar e manipular as pessoas.

Outro bom exemplo de informação pressuposta é a frase : “Passei o dia todo na escola, mas foi bom.” Nesta frase percebe-se que a informação dita é que a pessoa passou o

dia na escola e foi bom para ela. Mas há, como na outra frase e na tirinha acima, uma informação não dita, que também pode ser percebida, que é o fato de que geralmente os dias na escola não são bons.

5.2 Marcas polifônicas

Marcas polifônicas são palavras que estão presentes em frases, enunciados e textos e demonstram que há outras vozes colocadas no meio desses enunciados, ou seja, há vozes de terceiros, múltiplas vozes dentro do texto oral ou escrito. A polifonia pode ser percebida dentro de um texto, também, quando há referências presentes nele, pois essas referências indicam que há falas de outros autores nesse texto.

O acréscimo de provérbios, percentuais, ditados populares, assim como o emprego do futuro do pretérito e do ‘mas’ mostram que outras vozes distintas foram incorporadas no texto, tornando ele uma polifonia.

Bons exemplos para representar a Polifonia são as seguintes frases:

“Recentemente, o Ministério da Saúde divulgou um pesquisa que revela que quase metade da população brasileira está **acima do peso**. Segundo o estudo, 42,7% da população estava acima do **peso** no ano de 2006. Em 2011, esse número passou para 48,5%. O levantamento é da **Vigitel** (Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para **Doenças Crônicas** por Inquérito Telefônico), e os dados foram coletados em 26 capitais brasileiras e no Distrito Federal.” Nesse texto, a Polifonia se dá na forma do emprego de percentuais, que representam o fato de que está sendo usada outra voz no texto, pois esses percentuais não são criados nem estabelecidos pelo criador do texto, mas sim por terceiros.

Outro bom exemplo de uso de duas ou mais vozes no texto é: “Meu pai sempre dizia: filho de peixe peixinho é.” Esta frase representa polifonia, pois nela está presente um ditado popular comumente utilizado pelas pessoas. Quando há ditado popular automaticamente há outra voz sendo inserida no texto.

No caso da tirinha apresentada abaixo se pode perceber polifonia devido ao uso de um ditado popular por um dos personagens. Ao mesmo tempo em que se percebe a polifonia, vê-se que se trata de uma informação pressuposta presente na tirinha, pois com

sua fala o padre deixou implícito o fato de que se utilizará da pedofilia para com uma das crianças.



Figura 4: Pedofilia.

No próximo exemplo percebe-se a utilização de polifonia devido aos cartazes da imagem possuírem percentuais. A polifonia consiste também em apresentação de dados.



Figura 5: Homicídios no Brasil.

No próximo exemplo, pode ser claramente percebido o uso do ‘mas’ indicando a existência de duas vozes distintas presentes no texto. Uma voz contradiz a outra, como geralmente ocorre em casos onde o ‘mas’ é utilizado como forma de argumentação. No

caso da tirinha abaixo essa marca polifônica é usada como forma de uma voz contrariar a outra e, automaticamente, fazer com que um argumento tenha mais valor que o outro.



Figura 6: O amor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias presentes no artigo desenvolvido provêm de estudos de textos e obras de linguagem e produção de textos, mas muito além disso, provêm também da convivência diária com a percepção dos modos de comunicação que os seres humanos desenvolveram ao longo do tempo.

Comunicar-se está muito além da ideia de simplesmente uma pessoa falar e a outra ouvir, pois esse ato é muito mais complexo do que parece e se ele for estudado a fundo poderá ser percebida a cadeia de pequenas regras, conselhos e fatores que influenciam em uma boa ou má interação dialógica entre os indivíduos.

Argumentar, usar vozes de outros autores ou vozes sociais e cooperar com as formas de interagir com o interlocutor são regras básicas para a elaboração de uma boa forma comunicacional que não deixa a desejar e não causa desentendimentos entre as partes que estão interagindo através da enunciação ou mesmo através de meios escritos ou imagens. Mas para que todos esses fatores sejam respeitados é necessário que o locutor saiba qual a

parte que lhe cabe no desenvolvimento da comunicação e o interlocutor coopere reciprocamente com quem lhe mandou uma mensagem.

É necessário que as pessoas estejam suficientemente atentas para receber e compreender as mensagens não ditas que chegam até elas diariamente e por diversos meios. Informações pressupostas estão presentes em todo o lugar, em textos escritos, imagens e enunciados, e muitas vezes são essas informações que fazem toda a diferença para a compreensão correta de um assunto tratado.

Os exemplos citados no artigo representam claramente o uso diário dos fatores essenciais para a boa comunicação. As imagens, frases, textos e enunciados foram retirados de postagens em sites e de notícias, o que deixa claro o uso diário de polifonia, informação pressuposta, argumentação, cooperação e demais regras que contribuem para que a sociedade não vire um caos de desentendimento.

Está claro que vivemos em sociedade por que nos comunicamos; se há diálogo há certeza de que as regras para a boa interação estão sendo respeitadas. É por meio desta forma que temos consciência de que nos eximimos inconscientemente de nos tornarmos eremitas do mundo moderno e, assim, permanecemos convivendo como seres civilizados e literalmente esclarecidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIORIN, José Luiz. **Os princípios da conversa**. Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos/100/os-principios-da-conversa-3045-1.asp>. Acesso em: 27/03/2014.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 10. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MAGALHÃES, Marília. **Pressuposto e subentendido**. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/mariliamagalhaes353/pressuposto-e-subentendido>. Acesso em: 25/05/2014.

PARRA, Aline Soler. **Os limites da semântica e da pragmática**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicações/texto/100003.htm>. Acesso em: 27/03/2014.

PIRES, Vera Lúcia; TAMANINI-ADAMES, Fátima Andréia. **Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia**. Disponível em: www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe62/2010. Acesso em: 17/04/2014.

SILVA, Patrícia Alves do Rego. **As marcas da enunciação no texto jornalístico policial.**
Disponível em: [http://www. filologia. org. br/viiicnlf/anais/caderno07-02.html](http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno07-02.html). Acesso em:
10/03/2014.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENDOCRINOLOGIA E METABOLOGIA. **Números da
obesidade no brasil.** Disponível em: [http://www.endocrino.org.br/numeros-da-obesidade-no-
brasil/](http://www.endocrino.org.br/numeros-da-obesidade-no-brasil/). Acesso em: 25/05/2014.